

A ESPERANÇA NA BÍBLIA

A primeira palestra desse simpósio é sobre a “Esperança na Bíblia”. Gostaria de convidá-los a fazer uma viagem ao Antigo Testamento (AT), depois às cartas paulinas, passando rapidamente pelos evangelhos. Nosso passeio nos levará à seguinte consideração final: nossa espiritualidade e nossa ação social estão de acordo com a esperança cristã?

Antes de iniciar a viagem, gostaria de apresentar dois autores que irão nos motivar e orientar nossa viagem. Poderíamos dizer que um é o guia turístico e o outro o maquinista.

Nosso guia e motivador é Charles Péguy. Ele cantou a beleza e a importância da esperança na sua obra *O Pórtico do mistério da segunda virtude*. Ouçamos com atenção duas passagens:

Demasiado se esquece, minha filha, que a esperança é uma virtude, que é uma virtude teologal, e que de todas as virtudes, e das três virtudes teologais, é ela talvez a mais agradável a Deus. Que ela é seguramente a mais difícil, que é talvez a única difícil, e que decerto é ela a mais agradável a Deus¹.

¹ Charles PÉGUY, *O Pórtico do mistério da segunda virtude*, p. 15.

A pequena esperança avança no meio das duas irmãs mais velhas e nem sequer se repara nela.
 No caminho da salvação, no caminho carnal, no caminho áspero da salvação, no percurso interminável, no percurso, entre as duas irmãs a pequena esperança avança.
 No meio das irmãs mais velhas!
 A que é casada.
 E a que é mãe.
 E só se dá atenção, o povo cristão só dá atenção às duas irmãs mais velhas.
 A primeira e a última.
 Que acodem ao urgente.
 Ao tempo agora.
 Ao momentâneo instante que passa.
 O povo cristão só vê as duas irmãs mais velhas, não tem olhos senão para as duas irmãs mais velhas.
 A que está à direita e a que está à esquerda.
 E a bem dizer não vê a que está no meio.
 A pequena, a que ainda anda na escola.
 E que caminha.
 Perdida nas saias das irmãs.
 E facilmente crê que são as duas grandes que levam a pequena pela mão.
 No meio.
 Entre elas duas.
 Para a fazerem percorrer esse caminho áspero da salvação.

[17]

Cegos que pelo contrário não vêem
 Que é ela que no meio arrasta as irmãs mais velhas!
 E que sem ela elas nada seriam.
 Senão duas mulheres já idosas.
 Duas mulheres de certa idade.
 Amachucadas pela vida.

O mais interessante é saber que Peguy escreveu tudo isso num período de profundo desespero (1910-1911): solidão crescente, indiferença dos católicos², distanciamento de alguns amigos socialistas, a dor viva da situação conjugal e sacramental não resolvida³.

Nosso maquinista é o papa emérito Bento XVI com sua encíclica *Spe salvi* (“É na esperança que fomos salvos” (Rm 8,24)). Ele nos ensinou que a redenção não é um simples dado de fato, mas algo concedido como esperança, graças à qual podemos enfrentar o presente tão custoso. De que gênero é tal esperança? E de que tipo de certeza se trata?

Fé e esperança são palavras intercambiáveis em algumas passagens bíblicas (cf. Hb 1,22 e 23; 1Pd 3,15; Ef 2,12; 1Ts 4,13). O cristianismo não é apenas uma comunicação de conteúdos até agora ignorados (informativo), mas uma

² A conversão dele (1908) era vista com desconfiança pelos católicos.

³ Ele só era casado no civil com sua esposa (cf. João SAEBRA, in: Charles PÉGU, *O Pórtico do mistério da segunda virtude*, p. X-XI).

comunicação que gera fatos e muda a vida (performativo). Quem tem esperança vive diversamente⁴. Por isso é tão importante falar sobre essa virtude.

Iniciemos, agora, nossa viagem pelo Antigo Testamento.

A esperança no Antigo Testamento⁵

Falar de esperança é mostrar a importância do futuro na vida religiosa do povo de Deus.

A história da esperança começa com a promessa que Deus fez a Abraão:

¹Iahweh disse a Abrão: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, *para a terra que te mostrarei*. ²Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção! ³Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra." (Gn 12,1-3)⁶.

O fundamento de tudo é a revelação de Deus. Ele se mostra a Abraão, fala com ele e lhe promete uma terra e uma descendência. Sem a manifestação divina não haveria promessa nem fé. Sem ambas, nosso patriarca não teria esperança.

Na ansiedade de ver a promessa da descendência cumprida, Sarai oferece Agar para Abraão deitar-se e ter um filho (cf. Gn 16,1ss). O filho gerado, porém, não é o fruto da promessa divina, mas da iniciativa humana. É Sara que lhe dará o filho prometido pelo Senhor:

¹⁵Deus disse a Abraão: "A tua mulher Sarai, não mais a chamarás de Sarai, mas seu nome é Sara. ¹⁶Eu a abençoarei, e dela te darei um filho; eu a abençoarei, ela se tornará nações, e dela sairão reis de povos." ¹⁷Abraão caiu com o rosto por terra e se pôs a rir, pois dizia a si mesmo: "Acaso nascerá um filho a um homem de cem anos, e Sara que tem noventa anos dará ainda à luz?" ¹⁸Abraão disse a Deus: "Oh! Que Ismael viva diante de ti!" ¹⁹Mas Deus respondeu: "*Não, mas tua mulher Sara te dará um filho: tu o chamarás Isaac; estabelecerei minha aliança com ele*, como uma aliança perpétua, para ser seu Deus e o de sua raça depois dele. ²⁰Em favor de Ismael também, eu te ouvi: eu o abençoo, o tornarei fecundo, o farei crescer extremamente; gerará doze príncipes e dele farei uma grande nação. ²¹Mas minha aliança eu a estabelecerei com Isaac, que Sara dará à luz no próximo ano, nesta estação." ²²Quando terminou de falar, Deus retirou-se de junto de Abraão (Gn 17,15-22).

⁴ Cf. Bento XVI, *Spe salvi*, n. 1-2.

⁵ As reflexões presentes nesse item foram retiradas de Jean DUPLACY, "ESPERANÇA", in, Xavier LÉON-DUFOUR (org.), *Vocabulário de teologia bíblica*. 10ª Petrópolis: Vozes, 2009, p. 288-291.

⁶ Utilizarei a Bíblia de Jerusalém nas citações da Bíblia

O Senhor resolve colocar Abraão à prova pedindo-lhe o filho da promessa:

¹Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: "Abraão! Abraão!" Ele respondeu: "Eis-me aqui!" ²Deus disse: "Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei" (Gn 22,1-2).

Sabemos como termina a história. Ele foi aprovado na fé e na esperança depositadas em Deus mais que nas Suas promessas. Pode-se afirmar que tal fidelidade anunciava uma esperança melhor (Hb 7,19), à qual Deus estava conduzindo seu povo.

Uma terra (Ex 4,8.17) e uma descendência (Gn 49; Ex 23,27-33; Lv 26,3-13; Dt 28). Durante séculos, estes serão o objeto da esperança de Israel, ou seja uma esperança terrestre.

O que aconteceu com o patriarca em relação a apressar o cumprimento da promessa também ocorreu com o povo. Israel, muitas vezes, esqueceu que um futuro feliz era um dom do Deus da aliança (Os 2,10; Ez 16,15ss) e tentou conquistá-lo com suas próprias forças, como faziam as outras nações, através da idolatria, do culto formalista, das alianças com poderosos. Os profetas denunciam essa esperança ilusória (Jr 8,15; 13,16). Quando o futuro parece fechar-se (cf. Ez 37,11), surge o anúncio de que um resto será salvo (cf. Is 10,19-23). A salvação pode tardar, mas ela é certa, porque o Senhor, fiel e misericordioso, é a esperança de Israel (Jr 17,13):

O que restar das árvores da sua floresta constituirá um número insignificante: até um menino poderá contá-las. Naquele dia, *o resto de Israel*, os sobreviventes da casa de Jacó não continuarão a apoiar-se sobre aquele que os fere; *apoiar-se-ão sobre Iahweh*, o Santo de Israel, com fidelidade. Um resto, o resto de Jacó, voltará ao Deus forte. Com efeito, ó Israel, ainda que o teu povo seja como a areia do mar, só um resto dele voltará, pois a destruição está decidida: a justiça transborda! Sim, a destruição está decidida; o Senhor Iahweh dos Exércitos a fará executar no meio de toda a terra (Is 10,19-23).

A concepção profética do futuro é muito complexa, mas pode-se simplificá-la dizendo que a esperança de Israel e das nações é o próprio Deus (Is 51,5; 60,19s) e o Seu reino (Sl 96-99). Ainda estamos diante de uma esperança terrena e coletiva.

Em Jó, o sofrimento do justo (Jó 15,15; 19,25ss; 42,1-6) colocou um grande problema para a esperança terrena e coletiva. Como compreender o sofrimento

de uma pessoa que é fiel a Deus? Onde estaria a esperança para ela? Uma corrente encarou o sofrimento do justo como redentor (Is 53); por isso deveria provocar esperança e não impedi-la. Essa reflexão não teve continuidade no AT. A esperança de Jó, por exemplo, desemboca na noite (cf. Jó 42,1-6).

A última etapa da nossa visita ao AT é contemplar os livros que mais se aproximam da visão da esperança no Novo Testamento.

Em Daniel, a fé dos mártires gera a esperança individual da ressurreição (Dn 12,1ss; 2Mc 7), enquanto a esperança coletiva se volta para o Filho do homem (Dn 7). Já a esperança dos sábios é direcionada para uma paz (Sb 3,3), um repouso (Sb 4,7), uma salvação (Sb 5,2) que não estão mais neste mundo, mas na imortalidade (Sb 3,4), junto do Senhor (Sb 5,1s). *É assim que esperança se torna pessoal (Sb 5,5) e se orienta para o mundo futuro:*

¹A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. ²Aos olhos dos insensatos pareceram morrer; sua partida foi tida como uma desgraça, ³sua viagem para longe de nós como um aniquilamento, mas eles estão em paz. ⁴Aos olhos humanos pareciam cumprir uma pena, mas *sua esperança estava cheia de imortalidade*; ⁵por um pequeno castigo receberão grandes favores. Deus os colocou à prova e os achou dignos de si. ⁶Examinou-os como o ouro no crisol e aceitou-os como perfeito holocausto (Sb 3,1-6).

A esperança no Novo Testamento

Nos evangelhos⁷

Jesus proclama a vinda do Reino de Deus sobre esse mundo (Mt 4,17), mas segundo uma realidade espiritual que só se chega pela fé. Para se ver a realização da promessa de Israel, é preciso renunciar a todo aspecto material da sua espera (Mt 16,24ss). Por outro lado, o Reino é ainda futuro. A esperança continua, mas direcionada para a vida eterna (Mt 18,8s), para a *parusia* (Mt 16,27; 25,31-46).

Enquanto aguarda esse dia, a Igreja tem que completar a realização da esperança dos profetas abrindo para as nações o Reino e sua esperança (Mt 8,11s; 28,19).

No corpo de cartas atribuídas a Paulo⁸

⁷ Jean DUPLACY, “ESPERANÇA”, in, Xavier LÉON-DUFOUR (org.), *Vocabulário de teologia bíblica*. 10ª Petrópolis: Vozes, 2009, p. 291-292.

⁸ Janet Meyer EVERTS, “ESPERANÇA”, in, G.F. HAWTHORNE – R.P. MARTIN – B.T.LAMBERT, *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus – Vida Nova – Loyola, 2008, p. 482-484.

A esperança cristã é a realização das promessas de Deus a Israel. Ela está fundamentada na história de Israel e na revelação de que Deus cumpre suas promessas em Cristo. Vemos isso em Rm 4, quando Paulo escreve sobre a fé e a esperança de Abraão.

¹⁸Ele, *esperando contra toda a esperança*, creu e tornou-se assim pai de muitos povos, conforme lhe fora dito: Tal será tua descendência. ¹⁹E foi sem vacilar na fé que considerou seu corpo já morto — ele tinha cerca de cem anos — e o seio de Sara também morto. ²⁰*Ante a promessa de Deus*, ele não se deixou abalar pela *desconfiança*, mas se fortaleceu na fé, dando glória a Deus, ²¹convencido de que ele podia cumprir *o que prometeu*. ²²Eis porque isto lhe foi levado em conta de justiça. ²³Não foi escrito só para ele: — Foi-lhe levado em conta — ²⁴mas também para nós. Para nós que cremos naquele que ressuscitou dos mortos, Jesus, nosso Senhor, ²⁵o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação (Rm 4,18-25).

Abraão nunca duvidou que o Senhor cumpriria suas promessas. Sua esperança fundamentava-se em um relacionamento pessoal com o Deus no qual ele depositou sua fé. Esta era a única base de sua esperança, porque sua realidade histórica o encaminhava a desconfiar da possibilidade de ter uma descendência. Apesar da impossibilidade humana, Abraão “esperou contra toda esperança”.

A esperança cristã dirige-se ao mesmo Deus que cumpriu as promessas a Abraão e que ressuscitou Jesus dos mortos. O que Deus faz em Cristo dá uma razão muito maior que a de Abraão para ter esperança. Cristo é o cumprimento fiel da promessa de Deus a Abraão; agora até os gentios são justificados, ou seja, até os gentios são filhos de Abraão. A ressurreição de Cristo é o início de um novo tempo de esperança, determinada pelas promessas divinas em Cristo e fortalecida pelo dom do Espírito. Por isso, nossa esperança não se fundamenta mais na promessa feita a Abraão ou a indivíduos em revelações particulares, mas em Cristo.

Os cristãos vivem entre a ressurreição do Senhor e a realização definitiva do Reino de Deus. Vivem na esperança porque as promessas divinas muitas vezes estão em contradição com a realidade que os cercam. Para lhes dar esperança, eles têm a fidelidade de Deus em Cristo (passado), as promessas (futuro) e o dom do Espírito Santo (presente).

Aprofundemos isso com outra passagem da carta aos Romanos:

¹Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, ²por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos *na esperança* da

glória de Deus. ³E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, ⁴a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada a *esperança*. ⁵E a *esperança* não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,1-5).

A mesma ideia se repete: a esperança é força para os fiéis porque se fundamenta no que Deus fez em Cristo (passado), é experimentada no poder do Espírito (presente) e se move em direção à glória que será revelada (futuro).

Em Rm 8 fica mais claro que a esperança é inseparável do dom do Espírito e da vida nova que os cristãos receberam. O Espírito assegura aos fiéis que são co-herdeiros com Cristo. Tal dom é sinal de que Jesus já recebeu sua herança e garantia de que as expectativas dos que ainda aguardam se realizarão. A atividade do Espírito é prova de que surgiu um novo tempo e sua consumação não tardará. Rm 8,28-30 mostra que nada pode destruir a glória suprema dos cristãos, essa é a base da esperança cristã em meio a um mundo hostil (cf. Rm 8,38-39). A hostilidade que os cristãos encontram no mundo é sinal de sua fidelidade a Jesus e garantia de que suas expectativas se realizarão.

A fé e a esperança têm um lugar junto ao amor (1Cor 13,13) no exercício dos dons espirituais, porque essas virtudes abrangem toda a existência cristã. A vida no Espírito é uma vida de fé em Deus, de confiança no futuro e de amor uns aos outros.

A glória futura, que os fiéis sabem que vão receber, exerce influência no presente por meio da esperança que suscita:

³Damos graças ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, sempre orando por vós, ⁴depois que ouvimos acerca da vossa *fé* em Cristo Jesus e do *amor* que tendes a todos os santos, ⁵pela⁹ *esperança* que vos está reservada nos céus. Dela já ouvistes o anúncio da Palavra da Verdade, o evangelho, ⁶que chegou até vós, e que em todo o mundo está produzindo frutos e crescendo, como também entre vós, desde o dia em que ouvistes e compreendestes em sua verdade a graça de Deus (Col 1,3-6).

Os cristãos anteveem o futuro e trazem-no para o presente com sua fé e seu amor (cf. Cl 1,4-5). Esse futuro é a consumação da atividade que começou na

⁹ Tradução da CNBB: “em razão da esperança...”.

morte e ressurreição de Cristo e continua na experiência presente do Espírito (cf. Cl 1,7). O objetivo da esperança cristã é a futura manifestação do Senhor (Tt 2,13).

A vida eterna (Tt 1,2; 3,7) e a ressurreição dos mortos (1Ts 4,13-18; 1Cor15) estão estreitamente ligadas à manifestação da glória. 1 Cor 15 apresenta uma análise mais extensa dessas realidades futuras. Apesar da palavra esperança aparecer apenas uma vez (1Cor 15,19), esta perícopes liga-se a Rm 8 pelo uso da imagem das primícias: assim como a obra do Espírito na vida dos fiéis são as primícias da glória futura, a ressurreição de Cristo é *as primícias* que garante a ressurreição futura de todos os que estão em Cristo. Negar essa ressurreição seria negar o Deus que prometeu esse futuro glorioso.

A esperança cristã só encontra sentido como antecipação de algo maior e mais glorioso. Ela parte da realidade presente da atividade de Deus ao ressuscitar Cristo dos mortos e dar o Espírito aos fiéis, e proclama o futuro dessa realidade. A esperança é um incentivo aos fiéis em meio ao sofrimento, mas também os impede de se contentar com as circunstâncias atuais. A esperança insiste que os cristãos aguardem ansiosamente o grande dia em que todas as promessas de Deus serão cumpridas¹⁰.

Considerações finais

Chegamos à parada final. A partir do que visitamos, o que poderíamos dizer sobre dois aspectos tão importantes da nossa vida cristã e eclesial: a vida espiritual e o compromisso social? Já que a Boa Nova não é apenas informativa, mas também performativa, o que poderíamos indicar como necessária mudança a partir do anúncio da esperança cristã?

Vida espiritual

Não é difícil encontrar pessoas espirituais que ouvem promessas da parte de Deus (emprego, pessoas certa para se casar, filho etc.) e ficam esperando passivamente por seu cumprimento. Em alguns momentos entram em crise, porque nunca veem o cumprimento, depois lembram de Abraão e voltam à serenidade. Essa é realmente uma promessa divina na qual somos convidados a ter uma esperança cristã?

O Catecismo da Igreja Católica (n. 65), ao tratar da revelação, nos diz que Jesus é a plenitude da revelação de Deus e não se deve esperar nem pedir outra

¹⁰ G.F. HAWTHONE – R.P. MARTIN – B.T.LAMBERT, *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus – Vida Nova – Loyola, 2008, p. 484.

revelação ou promessas (acréscimo nosso). O documento cita uma passagem de S. João da Cruz, fazendo-a própria:

«Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra – e não tem outra – (Deus) disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer. [...] Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E, por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade»¹¹.

Ouvindo S. João e o ensinamento doutrinal da Igreja, podemos dizer que aqueles que ainda vão em busca de promessas particulares estão se colocando no Antigo Testamento, ao lado de Abraão, e esqueceram que Jesus já revelou tudo o que tinha para ser revelado: sua pessoa, o amor do Pai dado até as últimas consequências. Essas pessoas vivem como se Jesus não fosse a última Palavra de Deus e ainda buscassem palavras divinas para si, para se apegarem. Muitas vezes abrem aleatoriamente a Bíblia¹² esperando que Deus lhes fale imediatamente se devem ou não fazer isso, se aquela pessoa é sua metade, se o Senhor quer que ela estude essa ou aquela faculdade... Acredito que tais pessoas estão caindo no erro que João da Cruz fala nessa passagem: quem agora quiser consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação cometeria um grande erro (*disparate*) e estaria cometendo um pecado (*faria agravo a Deus*). Estão voltando ao tempo do Antigo Testamento, quando as promessas ainda não tinham se cumprido em Jesus.

A vida espiritual cristã não é alimentada dessas falsas promessas, mas daquelas feitas por Deus através de Jesus. O conteúdo das promessas divinas está na Palavra de Deus, especialmente no Novo Testamento. É preciso conhecê-Lo através de um estudo adequado, profundo e movido pela fé católica. É preciso ler não palavras aleatórias, abertas ao acaso para saber a resposta imediata do Senhor, quase como se fosse um oráculo (ou seria uma adivinhação?). Mas ler cada livro da Sagrada Escritura, a partir do Novo Testamento, usando a inteligência e a fé para entender o que Deus revelou em Jesus, quais suas verdadeiras promessas. Pessoas que possuem uma vida espiritual fundamentada na *lectio divina* conseguem discernir o melhor

¹¹ *Subida do Monte Carmelo* 22,2. Cf. S. João da Cruz, LH, 2a Semana do Advento, segunda-feira, Ofício das leituras.

¹² Às vezes me pergunto se isso não seria um tipo de adivinhação fantasiada de espiritualidade

caminho a seguir sem fazer recurso à prática descrita acima, mas se servindo da sua inteligência iluminada pela Palavra, das orientações de pessoas mais experientes nesse caminho (diretor espiritual) e de seus pastores.

A vida espiritual fundamentada na verdadeira esperança não aprisiona as pessoas à vontade de Deus quase como se elas não pudessem escolher entre uma coisa e outra, entre fazer essa ou aquela faculdade, entre investir em um relacionamento com uma pessoa ou acabar um namoro que só está destruindo. A vida espiritual fundamentada na esperança cristã dá liberdade de escolhas e a vontade de Deus vai sendo construída no dia a dia pela vivência do amor.

Compromisso social

Um outro lado dessa medalha seriam as pessoas que não ligam muito para vida espiritual, mas estão inteiramente empenhados em construir o Reino de Deus sobre a terra e o identificam com o progresso social, uma ideologia ou mesmo um partido político. A esperança deles é o Reino de Deus totalmente implantado sobre a terra, o que já seria a *parusia* e a renovação cósmica, segundo alguns autores. A escatologia deixaria de acontecer no 8º dia (N.T.) e voltaria para o 7º (A.T.), ou seja, deixaria de acontecer após o ocaso do último dia e passaria a acontecer na história. É interessante perceber que tais grupos são muito apegados ao estudo do Antigo Testamento, especialmente de passagens que falam das promessas divinas para Israel que acontecerão sobre a terra. Será que não estamos diante da mesma realidade apresentada acima na sua versão espiritual? Agora ela apareceria na sua versão social!

A esperança cristã, com toda a sua força escatológica, se dilui na esperança de construir o Reino de Deus sobre esse terra. O grito “Vem, Senhor Jesus!” seria voltado para o sentido intramundano: Jesus nos dá forças para acabarmos com a injustiça e implantar a igualdade; quando isso acontecer será a vinda do Senhor! Será que essa não seria a esperança do AT numa vertente mais universal? Seria esse o fruto da esperança cristã? Acredito que não.

O cristão brasileiro se depara com tanta injustiça, desigualdade, descaso com os pobres, desvio de dinheiro público¹³, políticos corruptos¹⁴, violência... Quem acredita nas promessas divinas reveladas em Jesus não pode ficar passivo diante dessa

¹³ Na maioria das vezes realizado por “católicos de IBGE”, aqueles que batizamos os filhos com apenas três encontros de formação, isso quando não os dispensamos graças à oferta generosa que deram para a Igreja.

¹⁴ Ver nota anterior.

realidade. Precisamos ir ao encontro dessas realidade com ações imediatas (sopão, abrigo para os moradores de rua, creches, manifestações públicas contra alguma ação do governo etc.), de médio prazo (conscientização política dos fiéis) e longo prazo (mudança da nossa ação eclesial nas paróquias). Agora gostaria de falar apenas desse último ponto, que acredito ser o mais importante e revolucionário de todos.

Nossas ações eclesiais são responsáveis pelo dismantelo que estamos vivendo hoje no Brasil. Nós nos preocupamos apenas com a distribuição dos sacramentos, não formamos cristãos autênticos, homens e mulheres que creem no Senhor, dispostos a lutar amorosamente contra o mundo e cheios de esperança cristã. Os políticos que aprovaram as leis contra a vida e a família, os políticos que roubaram tanto dinheiro são, na sua maioria, católicos! Eles se casaram na Igreja, batizaram seus filhos, levaram-nos para primeira comunhão e crisma. E nós concedemos todos os sacramentos sem propor-lhes nenhuma conversão! Precisamos reconhecer que o que estamos fazendo dentro da Igreja está colaborando para a permanência dessa situação, estamos sendo coniventes. Já conhecemos o Documento de Aparecida e, nos últimos meses, o documento 100 da CNBB (*Comunidade de Comunidades*). Já sabemos de tudo o que eles nos ensinaram, mas o que mudou nas nossas paróquias? Fazemos tudo igual. No máximo, mudamos os nomes das pastorais ou das ações que já fazíamos, para nos adequar às novidades.

Desde 1965, a CNBB fala da necessidade de uma renovação das paróquias, mas, mesmo quando a teologia da libertação era forte, isso não aconteceu, nem hoje que a RCC e as comunidades novas estão tão atuantes. Precisamos entender que esse projeto não é ligado à teologia da libertação ou renovação carismática, mas ao evangelho de Jesus.

Se tivermos cristãos bem formados na fé (confiança e conteúdo), vivendo em comunidade, celebrando o dia do Senhor... teremos pessoas que não se acomodarão com essa realidade injusta, sonharão com uma sociedade mais parecida com o Reino de Deus, trabalharão por isso. Mas nunca esquecerão que tudo o que fizerem sobre a terra não passará de uma pequena semente da realidade escatológica já conquistada por Jesus na ressurreição, mas ainda aguardada na sua manifestação total, sua vinda gloriosa, na renovação cósmica.

Vem, Senhor Jesus!

Pe. Emilio Cesar Porto Cabral
Professor da Faculdade Católica de Fortaleza
Pároco de N.S. da Conceição – Messejana